

Revisitar os inventários. As Cartas de História

“L’inventaire ne sera jamais achevé, à la fois parce que son objet d’étude n’est pas figé et parce que le questionnement auquel on le soumet évolue également; les enquêtes d’il y a vingt ans, ne satisfont plus aux attentes actuelles, encore plus exigeantes. Il faudra donc sans cesse d’inventer de nouveaux terrains, revenir sur les terrains déjà inventoriés.”

Francine Arnal (2002, p. 258)

Introdução

Ao inventariar os bens, damos um nome, coordenadas, caracterizamos, valorizamos o objecto, propomos medidas de salvaguarda, fotografamos e divulgamos. Aquilo que é tão importante para a comunidade escolar e não só, não pode continuar incógnito, porque poderá ser usurpado e de difícil recuperação por falta de elementos que o distingam. Uma política cultural não pode dispensar o conhecimento do património existente. Por estas razões... solicitámos aos delegados de grupo e directores de instalações, que nos enviassem uma cópia do inventário, que eventualmente pudesse já estar concluído. Poderá parecer estranho este pedido, se pensarmos que os inventários estão concluídos e arquivados.

O que pretendemos então? Pretendemos fazer uma “revisitação” aos inventários já realizados, para conhecer os métodos adoptados e posteriormente encontrar uma uniformização de critérios, metodologias e fazer novas leituras desses bens patrimoniais. Iniciámos o nosso trabalho de campo, revisitando os mapas do Gabinete de História, por ter sido o primeiro grupo a dar resposta ao nosso pedido.

Os mapas de História

Os mapas da colecção do grupo de História estão guardados em armário de madeira, inseridos na vertical, um em cada quadrícula de uma grelha também de madeira, colocada paralelamente à base do armário, conforme podemos ver na fig. 1.



Alguns dos mapas têm uma argola na extremidade de uma das réguas, podendo, assim ser pendurados num dos cinco varões de ferro colocados na parte superior do armário. Este tipo de acondicionamento será o mais indicado, porque preserva melhor as extremidades dos mapas.

Figura 1

Os problemas que detectamos nestes mapas, há muito desactualizados, devem-se, ao desgaste provocado pelo tempo, mau acondicionamento e uso (figuras 2 e 3). Alguns apresentam no tardo pequenas manchas ferrosas, que pensamos terem sido provocadas pela existência de humidade (figura 3 a e 3b).



a



b

Figuras 2a, b, c, d



c



d



Fig. 3a e 3b

Os registos de inventário. Diferentes épocas, diferentes registos

A elaboração de um sistema de inventário actualizado é imprescindível para qualquer trabalho de gestão patrimonial. O contributo para a inventariação do património da nossa escola proveio do trabalho efectuado por funcionários e professores, que ao longo dos anos e segundo directivas superiores, ou não, usaram diferentes registos, conforme podemos ver nas figuras 4, 5 e 6.



Figura 4 – selo do primeiro inventário



Figura 5 – Vários registos de inventário na mesma peça

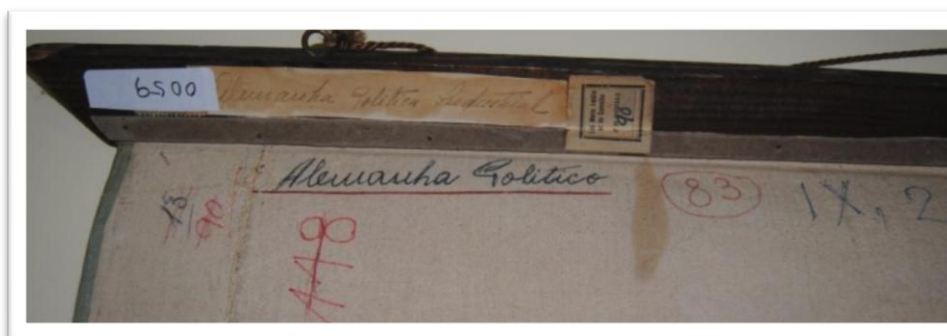


Figura 6 - Vários registos de inventário na mesma peça

Conservação e restauro da Carta Coreográfica de Portugal

Tendo em conta o valor histórico destes mapas, outras questões se colocaram quanto à sua preservação: colocá-los à disposição do Museu da Educação, segundo

celebração de protocolo? Mantê-los no estado em que se encontram? Mandar restaurá-los? Como conseguir apoios para o pagamento dos restauros?

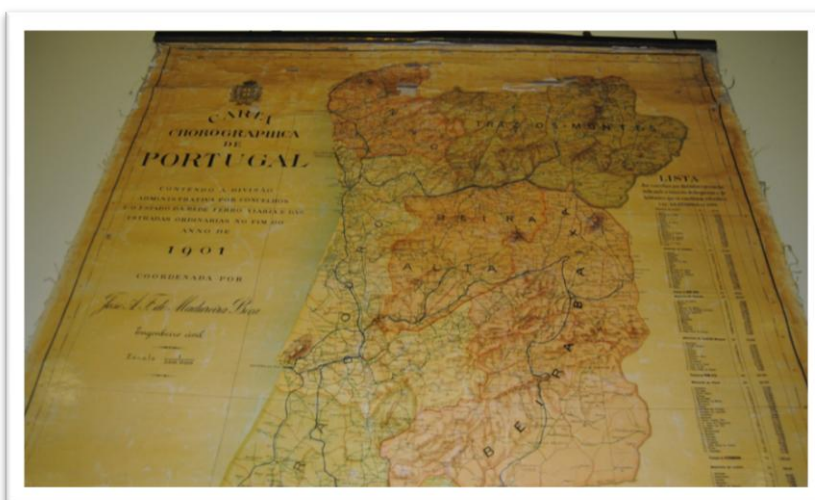


Figura 7 – Carta coreográfica de Portugal

Considerámos que a carta coreográfica de Portugal apresentada na figura 7 (nº 100 do nosso inventário), datada de 1901, a mais antiga da colecção, merecia especial atenção, devendo ser restaurada por técnicos especialistas. No entanto, há pequenos trabalhos que podem ser realizados na escola: colagem das réguas, colocação de novos atilhos de algodão (nastro) e de argolas metálicas numa das extremidades das réguas de modo a que todos os mapas possam ser pendurados na parte superior do armário.

Entretanto, depois de visitarmos o *atelier* de restauro “Salvarte”, propusemos à delegada de História uma reunião com a técnica de conservação e restauro Rita Fontes Horta e Costa do referido *atelier* para, em conjunto, fazermos uma avaliação do estado deste espólio, mais especificamente do mapa nº 100, por considerarmos que a sua exposição pública seria importante para fruição de todos, mas esta exibição só poderia ser realizada depois da sua conservação. Assim, posteriormente, as técnicas do *atelier* de restauro “Salvarte” apresentaram uma proposta de intervenção assente na preservação, conservação e restauro dos materiais originais.

Características e orçamento da Carta

O mapa apresenta um suporte de papel, integralmente fixo a uma tela em tom cru com trama apertada, cuja superfície mostra uma camada de verniz de acabamento muito oxidado. Na base e no topo são visíveis duas baguetes em madeira lacada a preto e dourado. As zonas de pigmento dourado apresentam-se desgastadas. Junto às baguetes é visível um desgaste na camada de acabamento e verniz, com maior intensidade na margem inferior. Na margem superior o suporte de papel encontra-se muito fragilizado com zonas de destacamento entre os dois suportes, rasgões e lacunas. Ao longo de toda a extensão do suporte são visíveis diversos rasgões e vincos, de pequena dimensão, com maior intensidade junto à periferia. Observa-se também um grande vinco de dobragem no centro da peça.

A proposta de intervenção passaria pela limpeza geral da frente e do verso da peça para remoção de sujidades superficiais; limpeza pontual da frente e do verso para remoção de sujidades mais aderentes; aplicação de reforços no verso para planificação pontual de zonas de vincos; humedificação gradual e planificação geral do suporte; consolidação de rasgões e zonas fragilizadas; preenchimento de lacunas; reintegração

cromática pontual; limpeza das baguetes de fixação; colocação de um fundo em cartão neutro para estabilização do suporte. Colocação e montagem de uma placa em acrílico fixa à parede para protecção durante a exposição. O orçamento para a conservação e restauro, acondicionamento e montagem ficaria em 800€. Este preço, embora justo, não poderia ser suportado pela nossa escola. Ficou adiado o projecto e o restauro.

Considerações finais

Este trabalho permitiu verificar que foram usados diferentes registos, em diferentes épocas, sem sabermos quais os critérios. Assim, pretendemos abrir um espaço de reflexão em torno das diferentes formas de registo do património e convidar especialistas nestas matérias, de modo a podermos responder de uma forma mais científica às questões: O que registar? Como registar? Quem deve registar? Porque se deve registar?

Ficou também demonstrada a importância apenas de uma peça, neste caso a Carta Coreográfica de Portugal, que pode servir de modelo como valor histórico e patrimonial. Lançamos também um alerta para o modo como devem ser tratados estes materiais, muitas vezes tão abandonados. Lembramos que o grupo de Geografia tem cerca de duzentas e cinquenta cartas e o grupo de História possui cinquenta e quatro, embora, nem todas tenham o mesmo valor.

Bibliografia

- Francine Arnal (2002), “L’Inventaire Général des monuments et des richesses artistiques: politiques, modèles et pratiques”, in *Actas do Património Edificado. Novas tecnologias. Inventários*. Angra do Heroísmo, pp. 241-258
- Teresa Marques (2002) "Inventário do Património Cultural: a política da necessidade e a necessidade de uma política", in *Actas do Património Edificado. Novas tecnologias. Inventários*. Angra do Heroísmo, pp. 136-145.

Fátima Abraços e Amaro da Silva
Maio 2013